

Prêmio Nobel de Física participa de evento internacional no *campus*

Claude Cohen-Tannoudji, Prêmio Nobel de Física em 1997 e professor de Física Atômica e Molecular do Collège de France em Paris, foi um dos pesquisadores estrangeiros que se reuniram no 6º encontro da Lishep – International School on High Energy Physics, que a Universidade sediou em março. O tema do encontro foi *Cem anos de descoberta da Física de partículas*, debatido em quatro sessões: uma dedicada a professores do ensino médio e fundamental, jornalistas de ciência e interessados; outra sobre a escola avançada em Física de altas energias, destinada a estudantes de pós-graduação e jovens pesquisadores; um *workshop* em Física de altas energias para comunicar os resultados de pesquisas à comunidade; e a sessão sobre tecnologias associadas à Física de altas energias.

> Página 7



CAP-UERJ recebe cotistas em 2014

A Lei 6.434, de 15 de abril de 2013, criou o sistema de cotas no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ): 40% das vagas serão reservadas para estudantes carentes que cursaram integralmente o ensino fundamental na rede pública de ensino, todas as séries do 1º e 2º ciclos do ensino fundamental em escolas públicas nacionais e, prioritariamente, os oriundos da rede pública das regiões do Estado do Rio de Janeiro –, negros, pardos, índios e deficientes físicos. As cotas deverão ser implementadas tanto no sorteio quanto no 6º ano do ensino fundamental. Na última seleção foram destinadas 60 vagas (30 para a comunidade externa e 30 para a interna) para o 1º ano e 60 (30 para a comunidade externa e 30 para a interna) para o 6º. O Departamento de Seleção Acadêmica (DSEA) é o responsável pelo cogerenciamento da seleção.

> Página 15

Hupe inaugura nova UTI

A nova Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do Hospital Universitário Pedro Ernesto, inaugurada no dia 21 de março, recebeu novos equipamentos, ampliou a oferta de leitos e otimizou a estrutura física para aulas e discussões clínicas. Além de poder receber mais pacientes, a reforma resultou em melhores condições de ensino para os estudantes de graduação, pós-graduação e residentes das diferentes categorias profissionais que trabalham na UTI: médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, nutricionistas, fonoaudiólogos e psicólogos. Os recursos para a reforma vieram em parte de projeto encaminhado à Faperj e alguns itens foram adquiridos com verba da Universidade, como o piso da UTI, uma manta especial recomendada pela Anvisa que evita a proliferação de bactérias.

> Página 16

Contabilidade perde um mestre

Lino Martins da Silva, professor aposentado da Faculdade de Administração e Finanças da UERJ, faleceu no Rio no dia 26 de março. Ex-controlador geral do município, foi um dos responsáveis pela unificação dos sistemas contábeis na fusão dos estados do Rio de Janeiro e da Guanabara.

> Página 3

Empresa Júnior

A Hidros Consultoria, Empresa Júnior da Faculdade de Engenharia, tem como uma das suas principais frentes de atuação trabalhos em projetos sociais que vão desde pequenas reformas hidráulicas até projetos maiores.

> Página 4

De novo na Antártica

Pesquisadores da UERJ que estudam o Continente Antártico desde os anos 80 e 90 fizeram mais uma expedição entre os dias 3 e 29 de março para analisar a variação climática do Continente.

> Páginas 8 e 9



> EDITORIAL

A Universidade tem entre os seus papéis fundamentais contribuir para o progresso da sociedade. Nesta edição do *UERJ em Questão*, os leitores vão conhecer alguns projetos desenvolvidos por professores e alunos que trabalham para melhorar a vida das pessoas. Um deles é o da empresa Júnior de Engenharia que se dedica a comunidades carentes e tem como proposta ajudar em suas demandas – que vão desde pequenas reformas hidráulicas até projetos de regularização de imóveis. Outro destaque é o Projeto Arte Viva, que trabalha com crianças da Mangueira e tem por meta revitalizar o espaço urbano em um ambiente de vivência e troca de saberes por meio de linguagens artísticas como a cerâmica e a jardinagem. A parceria da Universidade com a Secretaria de Estado do Ambiente é o foco da matéria que trata da construção e do fortalecimento de políticas públicas socioambientais com ênfase na geração de emprego e renda em comunidades com Unidades de Polícia Pacificadora. As atividades conjuntas desenvolvidas pelo Instituto Multidisciplinar de Formação Humana com Tecnologias (da UERJ) e a Diretoria Especial de Unidades Escolares Prisionais e Socioeducativas são objeto do texto sobre o desenvolvimento de curso de extensão para gestores de unidades escolares prisionais e socioeducativas.

Ainda são destaques nesta edição as pesquisas da Universidade realizadas na Antártica sobre paleoclimatologia. Na expedição realizada em março como parte da Operação Antártica XXXI do Programa Antártico Brasileiro, os pesquisadores coletaram amostras em lagos glaciais para análise. Essas informações vão permitir, entre outras coisas, entender melhor as variações do ambiente periglacial. No primeiro semestre a UERJ também foi palco de dois importantes encontros científicos: a 6ª edição da Lishep – International School on High Energy Physics, sobre física de altas energias; e o Simpósio Implementação e Perspectivas do MS-Imaging, que discutiu as aplicações do imageamento por espectrometria de massa.

Na área de saúde, os destaques são a atuação da Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde (UnA-SUS/UERJ), que promove o curso de especialização em Saúde da Família para os médicos do Programa de Valorização do Profissional da Atenção Básica no estado do Rio de Janeiro. E a notícia de que o Hospital Universitário recebeu em março uma nova Unidade de Terapia Intensiva, ampliando a oferta de leitos e otimizando a estrutura física para aulas e discussões clínicas. No âmbito do reconhecimento pessoal, a professora Carmen Tiburcio, da Faculdade de Direito, foi escolhida para integrar a comissão avaliadora da premiação internacional UNHCR Awards for Statelessness Research, criada pela ONU. O jornal traz também uma matéria em homenagem ao professor da Faculdade de Administração e Finanças Lino Martins, falecido em março, e uma matéria sobre a adoção do sistema de cotas a partir de 2014 pelo Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ). A medida foi determinada pela Lei 6.434 e vai beneficiar negros, pardos, índios, estudantes de escolas públicas e deficientes físicos. Por razões operacionais, este e o próximo número do *UERJ em Questão* serão trimestrais. Voltamos à periodicidade bimestral em setembro. Desejamos a todos uma boa leitura!

Professora da UERJ integra júri de premiação da ONU

Criado pela Agência das Nações Unidas para Refugiados, em parceria com a Universidade de Tilburg (Holanda), o *UNHCR Award for Statelessness Research* vai premiar em sua primeira edição os melhores trabalhos produzidos por estudantes de graduação, mestrado e doutorado sobre o tema “apátrida”, problema que atinge pessoas rotuladas como sem nacionalidade ou cidadania. Entre os pesquisadores que vão compor a comissão avaliadora está a professora da Faculdade de Direito da UERJ Carmen Tiburcio: “Senti-me bastante lisonjeada e com a grande responsabilidade de divulgar o tema e o prêmio no Brasil. É muito importante que tenhamos alunos brasileiros (de graduação, mestrado ou doutorado) participando deste certame”.

Os nomes de todos os jurados foram escolhidos por integrantes do Alto Comissariado da ONU. Os outros profissionais são: Kohki Abe (Kanagawa University, no Japão), Khadija Elmadmad (Rabat University, no Marrocos), René de Groot (Maastricht University, na Holanda), Sriprapha Petcharamesree (Mahidol University, na Tailândia), Benyam Mezmur (University of the Western Cape, na África do Sul), Kim Rubenstein (Australian National University, na Austrália), Peter Spiro (Temple University, nos Estados Unidos), Laura van Waas (pesquisador sênior e gerente do Statelessness Programme, da Tilburg University) e Mark Manly (chefe da Statelessness Unit na Agência das Nações Unidas para Refugiados).

Os trabalhos vencedores serão contemplados com 3 mil euros e publicados nos sites da Universidade de Tilburg e da UNHCR. A divulgação da premiação será no dia 28 de setembro. Os vencedores serão convidados a apresentar suas pesquisas na primeira conferência internacional sobre apátrida, a ser realizada na Holanda em 2014, e a escrever um artigo para a edição especial da *Tilburg Law Review*, a ser publicada em 2014.

Apatridia

A professora Carmen Tiburcio explica que a nacionalidade pode ser originária (conferida por motivos existentes no momento do nascimento) ou derivada (concedida posteriormente ao nascimento, por naturalização): “A nacionalidade originária pode ser com base na filiação – quando a

criança adquire a nacionalidade de um dos genitores – ou no nascimento no território de determinado Estado. A apatridia ocorre quando uma criança nasce em país que confere a nacionalidade por força da filiação e quando ela é filha de genitores provenientes de país que confere a nacionalidade por força do nascimento no território”. Nesse caso a criança não terá nenhuma nacionalidade: nem a do país do nascimento, nem a do país da nacionalidade dos genitores.

De acordo com a Agência das Nações Unidas para Refugiados, as consequências da apatridia, problema que afeta 12 milhões de pessoas em todo o mundo, vão desde a impossibilidade de ter acesso a serviços de saúde e educação até impedimento para deslocar-se livremente. Segundo a agência, há dois tipos de apátridas: *de jure* e *de facto*. O primeiro refere-se a indivíduos não considerados nacionais sob as leis de qualquer país, enquanto o segundo refere-se a pessoas que possuem formalmente uma nacionalidade, mas é ineficaz: ocorre quando são negados direitos usufruídos por todos, como retornar a seu país e residir nele.

A Constituição brasileira determina que são brasileiros natos os nascidos no Brasil, mesmo que de pais estrangeiros que não estejam a serviço de seu país; os nascidos no estrangeiro, de pai ou mãe brasileiros, desde que qualquer um deles esteja a serviço do Brasil, e os nascidos no estrangeiro de pai ou mãe brasileiros, desde que sejam registrados em repartição brasileira ou venham a residir no Brasil e optem pela nacionalidade brasileira. Já os naturalizados são os que adquirem a nacionalidade brasileira, sendo exigidas aos originários de países de língua portuguesa apenas residência por um ano ininterrupto e idoneidade moral; e os estrangeiros residentes no Brasil há mais de 15 anos ininterruptos e sem condenação penal, desde que requeiram a nacionalidade brasileira. “Atualmente, o Brasil é citado como exemplo perante a comunidade internacional, pois confere a sua nacionalidade tanto por força do nascimento da criança no território brasileiro, ainda que filha de pais estrangeiros, como por força da nacionalidade brasileira de qualquer dos genitores, na hipótese de nascimento no exterior”, esclarece Carmen Tiburcio.



Reitor: Ricardo Vieira Vice-Reitor: Paulo Roberto Volpato

Diretoria de Comunicação Social • Direção: Sonia Virgínia Moreira Pauta e redação: Graça Louzada Reportagem: Fausto Jr., Janaina Soares, Mariana Pelegrini, Mayana Garcia e Ricardo Nicolay Estagiária: Daianne Possoly Fotos: Thiago Facina Projeto Gráfico e Editoração: Rafael Bezerra

Tiragem: 10.000 exemplares Impressão: Infoglobo • Contatos: 21 2334-0638 e comuns@uerj.br

The typeface Ingleby is designed by David Engelby and is available at dafont.com. David Engelby has the creative, intellectual ownership of the original design of Ingleby



A Contabilidade brasileira homenageia um de seus mestres

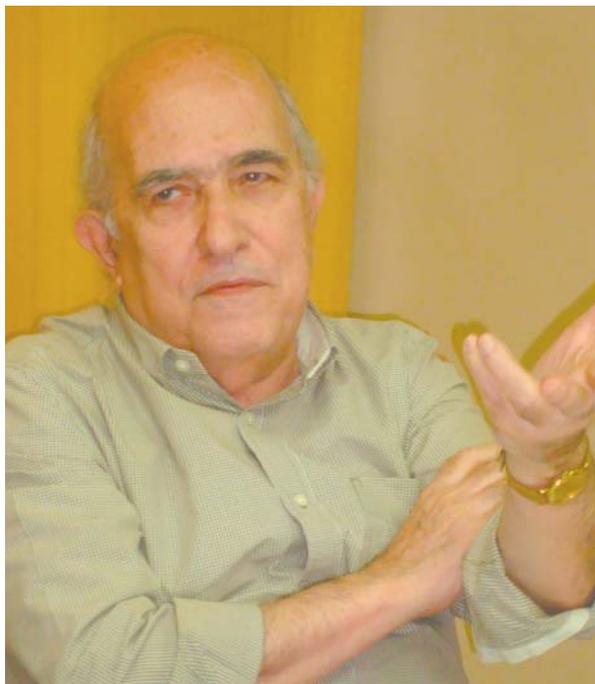
Docente da Faculdade de Administração e Finanças e do Programa de Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ, controlador geral do município nas três gestões do Prefeito Cesar Maia, consultor do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) e um dos responsáveis pela unificação dos sistemas contábeis durante a fusão dos estados do Rio de Janeiro e da Guanabara. Essas foram algumas das funções exercidas pelo professor Lino Martins da Silva, falecido em 26 de março e considerado um dos grandes mestres da Contabilidade.

Para o atual vereador e ex-prefeito Cesar Maia, Lino Martins foi o mais importante contador e auditor público do Brasil. Depois de conhecê-lo como auditor geral durante o governo Faria Lima, Cesar Maia convidou o professor para assumir a mesma função quando esteve à frente da Secretaria de Fazenda do Estado (1983 a 1986). Ali nasceu a ideia da criação da Controladoria Geral. Eleito deputado federal, Cesar Maia apresentou um projeto de lei propondo a criação da Controladoria: “Quando fui eleito Prefeito finalmente aprovamos por lei a primeira Controladoria Geral do Brasil, obra de Lino Martins da Silva. Com ela se construiu um sistema de controle interno independente, profissional, designando gerentes setoriais no lugar de inspetores de finanças que atuavam como extensão dos secretários. No meu segundo governo, Lino passou a ter os gerentes em ‘pool’, de forma a não haver vinculação. Essa é uma iniciativa fundacional no mundo todo. Professor da UERJ, mestre e conferencista em várias universidades do mundo, membro da comissão nacional revisora do sistema de contabilidade. Sua obra é obrigatória nos cursos de Contabilidade. Seu trabalho tornou-se permanente e referência. Uma perda irreparável”.

Professor do Programa de Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ, Josir Simeone Gomes lembra do companheiro de Universidade como um “ser humano ímpar que sempre nos guiara pelo caminho da ética e da lealdade. Ele foi o seguinte: Fui o que julguei ser / E quis ser aquele / Que veio ao mundo / Para servir / Jamais para me servir / De meus semelhantes!”.

O presidente do Conselho Federal de Contabilidade (CFC), Juarez Domingues Carneiro, afirmou em texto divulgado no *site* do CFC que o professor prestou inúmeras contribuições à área contábil. Era membro do conselho editorial da *Revista Brasileira de Contabilidade*, do conselho editorial científico da *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade* e do grupo da área pública do CFC: “Esta foi uma grande perda, pois o mestre Lino foi um colega exemplar, participando ativamente de importantes trabalhos técnicos, especialmente no âmbito da área pública. A classe contábil perdeu um grande mestre no ensino das Ciências Contábeis”.

Para Diva Gesualdi, presidente do Conselho Regional de Contabilidade do Estado do Rio de Janeiro, o professor era “Dono de uma sabedoria incrível, foi um dos principais nomes da profissão no país, tendo contribuído de forma relevante para o desenvolvimento das Ciências Contábeis. Tenho orgulho de ter acompanhado marcos da história do



professor Lino com o CRC-RJ, como o recebimento, em 2002, da Medalha Mérito Contábil Professor Orlando Martins Pinto – a mais alta comenda outorgada pelo Conselho – e o lançamento de seu livro *Contabilidade Forense – Princípios e Fundamentos*, na sede da entidade em dezembro de 2012”.

Fábio Frezatti, professor da Universidade de São Paulo, destacou que “perdemos, além de um profissional da mais alta respeitabilidade, uma pessoa que valia a pena conhecer”. Já o professor José Alonso Borba, da Universidade Federal de Santa Catarina, disse que sempre considerou um privilégio ter conhecido o professor Lino: “Pessoa admirável sob todos os aspectos, profissional dedicado e interessado em conversar sobre contabilidade e o país. Sempre estava muito bem informado sobre as mudanças e os problemas da área pública. Era um professor excelente”.

Biografia

Lino Martins nasceu em Nine, município de Vila Nova de Famalicão (Portugal), e chegou ao Brasil aos sete anos. Foi criado em Madureira, estudou na Escola Carlos Werneck, em Oswaldo Cruz, e na Escola Duque de Caxias, no Grajaú. Coursou Contabilidade na Escola Técnica de Comércio Rio Grande do Sul, graduou-se em Contabilidade pela Faculdade de Ciências Contábeis e Administrativas Moraes Junior e em Direito pela Faculdade de Direito da UERJ e pós-graduou-se em Auditoria Externa pelo Ibmecc. Era livre docente pela Universidade Gama Filho.

Professor aposentado da Faculdade de Administração e Finanças da UERJ de 1971 a 2009, desde 2010 era professor voluntário no Mestrado em Contabilidade. Na UERJ foi ainda diretor geral de Administração da Universidade (1988 a 1989), coordenando o projeto de modernização e simplificação administrativa, e diretor geral do Centro de Produção (1989/1990), responsável pela gestão de projetos de serviços de consultoria prestados por professores.

O professor da Faculdade de Medicina Plínio da Rocha conta que Lino Martins teve participação importante na época de cessão da Policlínica Piquet Carneiro (PPC) à

UERJ: “Era um acordo entre a Universidade, o Ministério da Saúde e o município e algumas vezes o convênio falhava. Recorremos ao professor Lino, que solucionou praticamente todos os nossos problemas com o município pela boa vontade, conhecimento e entendimento que tinha da importância da agregação da PPC para a UERJ. Ele circulava pelo meio político pela sua competência e honestidade. Sempre estava disposto a nos ajudar com simpatia, apesar de suas inúmeras atribuições”. Na época, Plínio era vice-diretor da Policlínica. Assessor da Reitoria, o professor Fernando Rodrigues, amigo de Lino Martins por mais de 30 anos, lembra que ele teve atuação importante durante a gestão do Reitor Ivo Barbieri (1988-1992) ao exercer a função de diretor de Administração Financeira e promover uma reorganização do Cepuerj. “Era uma pessoa com um conhecimento extraordinário, um amigo querido. Havíamos jantado juntos uma semana antes”, relata.

Entre as atividades do professor Lino destacam-se ainda: a de membro do grupo de estudos sobre contabilidade pública do CFC, com a função de estudar problemas da contabilidade pública, especialmente a redação do anteprojeto de lei sobre orçamento, administração financeira e contabilidade pública e as normas técnicas aplicáveis ao setor governamental; a de consultor associado à KPMG, assessor das prefeituras de Salvador e Juiz de Fora; e a de consultor do Pnud na elaboração do termo de referência para implantação do sistema de custos do Banco Central do Brasil. Trabalhou na implantação da Inspeção Geral de Finanças (1975) durante a fusão dos estados do Rio de Janeiro e da Guanabara, sendo responsável pela unificação dos sistemas contábeis. De 1975 a 1976 foi o perito que determinou a avaliação do patrimônio líquido da Companhia Progresso do Estado da Guanabara (Copeg) e da Companhia de Desenvolvimento do Estado do Rio de Janeiro (Coderj) para a criação do Banrio e posteriormente do Banerj. Atuou ainda como consultor contratado pela Embaixada Britânica em Brasília para assessorar na definição de indicadores para o sistema de custos em implantação no governo federal. Integrou a equipe da primeira gestão do Prefeito Cesar Maia (1993 a 1996), responsável pela implantação da Controladoria Geral do Município do Rio de Janeiro. Assumiu novamente o cargo de controlador geral no segundo e no terceiro mandato de Cesar Maia (2001 a 2008), implementando mudanças na auditoria.

É autor do livro *Contabilidade Governamental – um enfoque administrativo*, premiado pelo CFC em 1987. Escreveu ainda capítulos nos livros *Educação Contábil e Ensinando Teoria da Contabilidade*. Foi premiado com o 2º lugar no concurso realizado pela Secretaria do Tesouro Nacional do Ministério da Fazenda com trabalho da sua tese de livre docência sobre a necessidade da implantação de sistemas de custos na administração pública. Também foi eleito titular da cadeira 68 da Academia Brasileira de Economia e condecorado com a Medalha Pedro Ernesto da Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Desde novembro de 2008 mantinha um blog <linomartins.wordpress.com>, referência para profissionais, professores e estudantes das áreas de contabilidade, auditoria e administração financeira no setor público.

Empresa Júnior da Engenharia garante projeto de responsabilidade social

Uma das principais frentes de atuação em projetos sociais da Hidros Consultoria teve início com uma comunicação boca a boca. Desde a segunda metade dos anos 90 a Empresa Júnior de Engenharia da UERJ se dedica ao trabalho em comunidades de baixa renda, cujas demandas vão desde pequenas reformas hidráulicas até projetos maiores de regularização de imóveis.

Guilherme Duque, estudante do 4º período de Engenharia de Produção e diretor presidente da Hidros Consultoria, explica que a adesão dessa clientela à firma foi um processo natural. Reconhecida como Empresa Júnior em 1998, constituída por alunos da Faculdade de Engenharia Civil com ênfase em engenharia sanitária e ambiental, a Hidros cobra preços abaixo do mercado pelos seus serviços e como é comum a empreendimentos do gênero, o valor arrecadado é usado para manter a estrutura de trabalho. Os preços reduzidos, aliados às características dos serviços prestados pela Hidros (instalações hidrossanitárias, elétricas e plantas de arquitetura) conquistaram pessoas que precisavam legalizar suas casas, por exemplo, mas não tinham dinheiro para pagar: “Com o tempo, percebemos que desempenhávamos também esse papel de poder ajudar pessoas sem acesso a esse tipo de serviço”, diz Guilherme.

A mudança recente provocada pela pacificação dos morros cariocas, com a instalação das UPPs, permitiu que o estado chegasse em locais antes difíceis de serem atendidos pelo governo. Os cidadãos passaram a ter seus direitos garantidos e também começaram a ter outras obrigações. Se por um lado, a construção de moradias irregulares está entrando em declínio, por outro aumenta a demanda pela preparação de plantas físicas para que os moradores possam entrar formalmente com pedidos de reconhecimento de posse ou de autorização para reformas junto à Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. “A Prefeitura exige a apresentação de uma planta que mostre a realidade atual do imóvel das pessoas que desejam licenciar uma casa que ainda vão construir ou daquelas que pretendem legalizar um imóvel, fazer usucapião, reformar a



Equipe da Hidros Consultoria - Empresa Júnior de Engenharia da UERJ



Reunião de planejamento na sede da Hidros Consultoria

estrutura etc.”, explica o diretor presidente da Hidros.

Nesse cenário, a Empresa Júnior começou a receber um número maior de pedidos para a execução de serviços em regiões de baixa renda da área metropolitana do Rio. Apenas em 2012 a empresa recebeu 100 solicitações. Dessas, pôde atender 30 pedidos, a maioria (quase 20) de pessoas que não podem contratar uma empresa sênior. Com esse crescimento, a Hidros já prestou serviços em toda a cidade do Rio de Janeiro, de favelas a zonas nobres, tendo operado inclusive em outras cidades do estado. Para além dos preços baixos, quem ou o quê ajudou a promover a Hidros entre cidadãos de baixo poder aquisitivo ainda não se sabe. Gilberto Menezes Moraes, professor do Departamento

de Engenharia Mecânica e orientador da Hidros há mais de 10 anos, aposta na publicidade informal: “Pode ter sido um amigo engenheiro que sugeriu para alguém, que passou para outro alguém e assim o desempenho dos estudantes ficou conhecido”.

O professor Gilberto atenta também para o fato de empreitadas de engenharia dificilmente serem requisitadas pela população carente a órgãos assistencialistas, como acontece no caso das assessorias jurídicas ou de serviços na área da saúde. Seja como for, o trabalho com as várias comunidades se tornou uma das principais frentes de responsabilidade social da empresa, que passou a acompanhar de perto as transformações proporcionadas pelo crescimento do consumo da classe C.

Credibilidade

Para Guilherme Duque, o complemento ‘Júnior’ identificador do tipo de empresa é visto inicialmente com alguma desconfiança pelos prováveis usuários – afinal, trata-se de alunos trabalhando. Nenhum projeto, porém, é concluído sem a assinatura e a supervisão de um profissional gabaritado, neste caso o professor-orientador. É esta composição que permite à empresa oferecer serviços profissionais a um preço abaixo do mercado, que assim fica acessível a extrato social mais abrangente.

O orientador oficial da Hidros é o professor Gilberto Menezes. Ele explica que não faz o trabalho sozinho, mas transforma cada projeto em uma atividade de aula: “Vou junto com o aluno ver o tipo de serviço a ser realizado e a partir disso oriento e faço questão de explicar o motivo das decisões a serem tomadas, além de questioná-los sempre que é necessário”. Dessa forma os estudantes experimentam na prática o que, muitas vezes, só terão contato em períodos letivos mais adiantados. Isso faz com que passem de um semestre a outro bem mais preparados. Segundo o professor Gilberto, o mercado de Engenharia no Brasil, em especial o da área civil no Rio, está bastante aquecido, e isso gera uma oferta significativa de estágios remunerados: “Na Hidros, os estudantes trabalham de graça, porque querem. Isso poderia afastar os alunos, principalmente os veteranos, mas não acontece”.

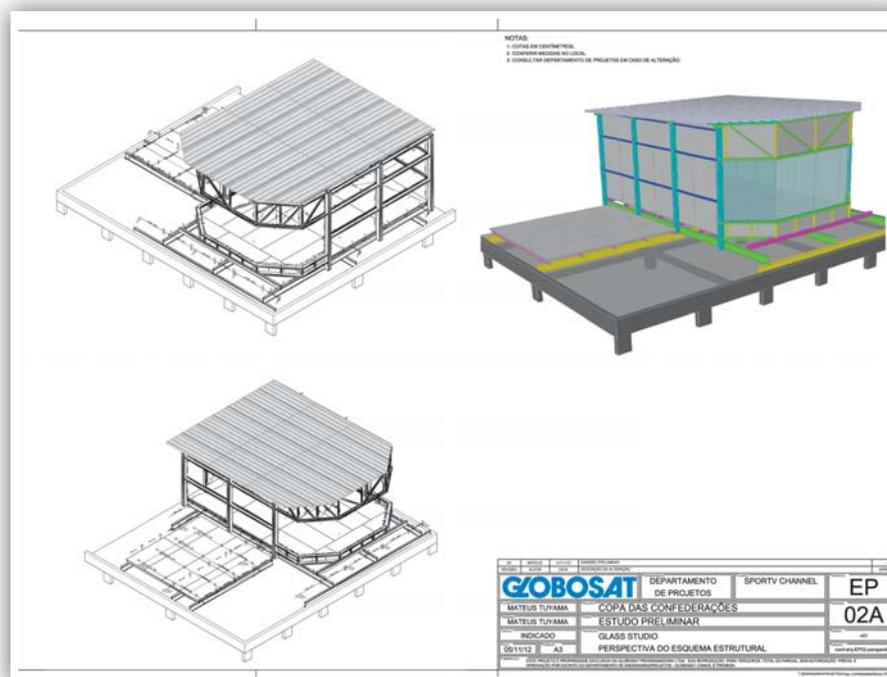
Com o tempo, a Hidros passou a reunir estudantes das diferentes engenharias e começou a oferecer outros tipos de consultoria, como plano de marketing e pesquisa de mercado, o que expandiu ainda mais a sua cartela de clientes. Hoje a empresa atende restaurantes, futuros empreendimentos e até mesmo grandes empresas, como a multinacional de pneus Michelin. Se por um lado o estudante não recebe qualquer remuneração por esse trabalho, por outro a oportunidade de adquirir conhecimento e experiência profissional com orientadores que dominam a prática e a metodologia de ensino é considerada um atrativo. Essas características ajudam a explicar como a empresa, que teve início com apenas cinco jovens estudantes, chegou ao número de 50 integrantes em 2012.

Localização privilegiada e estilo arquitetônico fazem do *campus* Maracanã espaço frequente para locações televisivas

Pelo seu estilo arquitetônico diferenciado, localizada em um espaço privilegiado da cidade, entre os bairros Maracanã e Vila Isabel e em frente à Mangueira, a UERJ tem sido procurada por emissoras de televisão e produtoras de filmes para servir como cenário para telenovelas, comerciais e, mais recentemente, transmissões esportivas. Sua proximidade com o estádio do Maracanã também despertou o interesse de grandes redes, entre elas a TV Globo, a CNN (Estados Unidos) e a Sky Sports (Inglaterra), que estão transmitindo notícias sobre a Copa das Confederações tendo ao fundo como cenário o estádio que será palco de alguns jogos e da partida final da Copa das Confederações. Os meios de comunicação estrangeiros alugaram um espaço no terraço do Pavilhão Haroldo Lisboa da Cunha (conhecido como Haroldinho), enquanto a TV Globo montou no local um estúdio de vidro para transmissões do canal SporTV.

O diretor do Departamento de Serviços Gerais (Deseg) da Prefeitura dos Campi, Artur Ferreira de Andrade, explica que o terraço do prédio estava em perfeitas condições para ser utilizado, tendo sido reformado recentemente com muro e cinta térmica. Além disso, a visão próxima do estádio no alto do prédio da UERJ é impressionante: “parece que você coloca a mão no Maracanã”, diz. A TV Globo solicitou à Universidade a locação do espaço e desenvolveu o projeto arquitetônico para a construção do Glass Studio (estúdio de vidro), tal como já havia feito em outras edições da Copa do Mundo de Futebol em Londres e na África do Sul. Com o aval da Procuradoria Geral da UERJ e seguindo a autorização do Ato Executivo nº 052 de 2008, que regulariza as locações e estabelece os valores para cobranças de aluguéis dos espaços da Universidade, o terraço foi locado pela diária de R\$ 1 mil ao dia.

O estúdio foi montado pela Globosat com a autorização do Departamento de Manutenção, Obras e Projetos (Demop) da UERJ. Antes de sua execução, um profissional da área de estruturas da Universidade verificou a sua viabilidade. Além



disso, a Globosat instalou um sistema de proteção contra descargas atmosféricas (para-raios, que fica para a Universidade) e outro de fornecimento de energia elétrica através de gerador próprio. No terraço, segundo Artur de Andrade, a CNN tem transmitido matérias para Dubai, Inglaterra e Estados Unidos, citando o nome da Universidade em algumas dessas transmissões. No programa “Bem, Amigos” do

SporTV, Galvão Bueno também comentou a localização do estúdio na Instituição. “Isso é bom porque ajuda a projetar bastante o nome da UERJ”, diz Artur.

A Universidade também aparece em novo comercial de uma fabricante de automóveis. A produção “Destruidor de Sonhos” mostra um personagem que acaba com os sonhos das pessoas que estão imaginando o veículo do fabricante.

O vídeo mostra o personagem em alguns pontos do Pavilhão João Lyra Filho e no estacionamento. Além disso, a série policial “Fora de Controle”, da Rede Record, utilizou o *campus* Maracanã como cenário de um dos seus episódios. A Rede Globo utilizou a parte externa da UERJ para gravar cenas do seriado de humor *O Dentista Mascarado*, que tem como protagonista o ator Marcelo Adnet. Na mesma emissora, o produtor da novela *Sangue Bom* encaminhou pedido para utilizar as dependências da Instituição como cenário.

O diretor do Deseg registra que muitos espaços da Universidade são alugados, como a Capela Ecumênica, para a realização de casamentos, por exemplo. Para os governos federal, estadual e municipal a UERJ cede o espaço e só cobra o pagamento para o pessoal de apoio (faxineiros, seguranças, entre outros) necessário para a realização dos eventos. Para a Copa das Confederações, a Casa Civil da Presidência da República solicitou a liberação de áreas da UERJ para utilização da FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*).

Projeto leva arte, cerâmica e jardinagem para crianças da Mangueira

Nas tardes de terça-feira, as crianças da Mangueira ficam à espera das “tias” que as ensinam a jardinar, fazer vasinhos de flores e a cuidar dos canteiros de flores da Rua Icarai. As “tias” são as pesquisadoras do Projeto Arte Viva na Mangueira, coordenado pela professora Isabela Frade do Instituto de Artes da UERJ. O projeto pretende revitalizar o espaço da Rua Icarai em um ambiente de convivência e troca de saberes entre as comunidades de UERJ e da Mangueira, por meio de linguagens artísticas.

De acordo com a coordenadora, o projeto Arte Viva propõe a realização da arte pública: “Apesar de não ter moldura, de não ter uma situação de exposição, estamos considerando que estamos produzindo uma situação de arte, encontro entre pessoas e transformação da sensibilidade e do espaço”, explica. Para concretizar o projeto, a professora inicialmente tentou uma aproximação entre UERJ e Mangueira por meio das escolas e centros culturais, entretanto foi na Creche Municipal Nação Mangueirense onde o projeto conseguiu maior receptividade.

A creche, localizada também na Rua Icarai, recebe crianças de até três anos e onze meses de idade. São 145 crianças matriculadas e 186 só na fila de espera. “Viver, brincar e aprender: essa é a filosofia da creche Nação Mangueirense e a UERJ é um grupo que veio para somar”, ressalta a diretora da creche, Lenir Vieira. “Ficamos na creche até conseguirmos ir para a rua com a pacificação da Mangueira, em junho de 2012”, conta a professora Isabela.

A diretora da creche diz que muitas atividades que são realizadas com as crianças pelo projeto, aprovado pela Secretaria Municipal de Educação, não existiam na creche, como a cerâmica e o teatro. “Já trabalhávamos a



conscientização da natureza com as crianças, fazendo horta e plantando verduras. O Arte Viva veio para enriquecer o nosso trabalho”, complementa. As crianças são as intermediadoras do projeto levando a consciência ambiental para seus pais e família. Para Lenir, tudo o que envolve a conscientização tem que começar desde cedo, durante a infância, pela ação. “A criança faz, sente na prática, a partir do lúdico. O toque com a terra e a planta é um aprendizado e é dessa forma que elas conseguem conscientizar os pais”, aponta.

Arte na rua

A professora Isabela descreve que a Rua Icarai foi um espaço utilizado de várias maneiras na

Mangueira. “Ali costumava ser uma zona de confronto entre a polícia e o tráfico”, diz apontando para as marcas de tiros nos muros do local. Também já foi o lugar onde o lixo de vários moradores era descartado. Os materiais recolhidos durante a limpeza da rua foram utilizados em uma mostra realizada em outubro de 2012 na Galeria Gustavo Schnoor, *campus* Maracanã. Pensando na arqueologia do contemporâneo, a exposição “Acervo Experiências Afetivas e Materialidades do Lugar” trouxe o reflexo do passado recente daquele local. Objetos que eram considerados apenas sujeira, revelaram a materialidade da história humana na composição do lugar, juntamente às

narrativas explicitando fatos e significando tais objetos.

Dessa forma, as pesquisadoras do projeto Arte Viva foram ocupando, aos poucos, os canteiros da Rua Icarai. Assim, além de trabalharem com as crianças da creche, também receberam o apoio de outras crianças da rua que passaram a esperar por elas todas as semanas para cuidarem do jardim, batizado de jardim da Tia Neuma em homenagem à matriarca mangueirense. As bolsistas de extensão e pesquisa e estudantes de pós-graduação, juntamente com a professora Isabela e moradores da região grafaram muros da rua, cercaram canteiros e plantaram flores.

Nathalie Tesch, de 22 anos, estudante do 8º período de Artes

Visuais e bolsista de extensão relata que os moradores foram muito receptivos: “Na primeira vez que fomos à rua tivemos contato com a Vó, uma senhora que mora ao lado da creche. Grafamos o muro dela e logo em seguida ela trouxe suco e biscoitos para nós. Ela sempre nos dá apoio e tem o costume de nos chamar de florzinhas”, observa. “Alguns moradores molham as plantas e emprestam a mangueira para nós”, lembra Jéssica Goes, de 22 anos, estudante do 9º período de Artes Visuais e bolsista de iniciação científica. “Teve um dia que fizemos uma amarelinha e as crianças começaram a brincar. Vários adultos lembraram a brincadeira”, conta a coordenadora do projeto.

Isabela explica que nessa fase as pesquisadoras estão conhecendo a sensibilidade dos moradores. “O jardim talvez tenha uma condição efêmera, pois sabemos que nas férias, por exemplo, o trabalho pode ser destruído. Isso já aconteceu pela limpeza urbana uma vez. No entanto percebemos que as roseiras ficaram. A relação com a rosa pode ser diferente. Se fizermos um canteiro de rosas, o jardim pode durar mais”, sugere.

Para a professora o projeto busca estabelecer o vínculo da arte com as formas de vida e subsistência. “Pensar na arte na condição de algo que se remete ao que é a vida”, diz. Isabela conta que quando começaram a trabalhar argila com as crianças, elas não queriam por a mão, porque a achavam suja: “Mostramos que dava pra brincar com a argila de várias formas, fazendo minhoca, bolinha e eles começaram a gostar de mexer com o material. Nosso objetivo é fazer com que as crianças vivam a arte”.

O objetivo do projeto é subir ainda mais o morro, até uma praça, de modo que a interação com as pessoas seja mais intensa e se estenda além da Rua Icarai.

Universidade recebe encontro sobre Física de altas energias

Com o tema *Cem anos de descoberta da Física de partículas*, o 6º encontro da Lishep – International School on High Energy Physics – reuniu em março, na UERJ, pesquisadores brasileiros e estrangeiros de mais de 15 países, entre eles o Prêmio Nobel de Física Claude Cohen-Tannoudji. Coordenado pelo professor Alberto Santoro, do Instituto de Física, o encontro apresentou também os resultados do Bóson de Higgs, partícula que ao interagir com outras deu origem à massa nos átomos elementares.

A Lishep foi criada em 1993 para preencher a ausência de uma reunião internacional na área de Física de altas energias, principalmente no Brasil. “Criamos o workshop com a finalidade de atrair para o Brasil a atenção dos físicos internacionais e fazer com que os estudantes se entusiasmem com a ciência”, destaca Santoro, que também é membro da Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear (CERN, *Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire*, na sigla original em francês). O encontro foi dividido em quatro sessões: uma dedicada a professores do ensino médio e do fundamental, jornalistas de ciência e interessados; outra sobre a escola avançada em Física de altas energias, destinada a estudantes de pós-graduação e jovens pesquisadores; um workshop em Física de altas energias para comunicar os resultados à comunidade; e a sessão sobre tecnologias associadas à Física de altas energias.

O professor Santoro destacou como ponto alto da Lishep o último dia, quando foram apresentados os resultados atuais do Bóson de Higgs. Atualmente as pesquisas estão em fase de estudo das propriedades para confirmar que é realmente o Higgs: “Está praticamente confirmado porque a parte de spin paridade foi determinada também”. Os próximos passos consistem em dar continuidade ao estudo: “Como em qualquer descoberta é preciso continuar a pesquisa para ver a precisão dos resultados. Todo resultado tem um erro e lutamos pela diminuição dele para torná-lo o mais preciso possível, um processo que dura anos. Além disso, uma série de outros resultados precisam ser trabalhados e encontrados”. O trabalho é feito em conjunto por pesquisadores de todo o



O Prêmio Nobel de Física Claude Cohen-Tannoudji e o professor da UERJ Alberto Santoro reunidos após a apresentação na Lishep

mundo, que se comunicam por meio de videoconferência para compartilhar os progressos. Ele avalia como muito bom o encontro de 2013, com um retorno positivo dos participantes: “Foram apresentados os últimos resultados de todos os experimentos do LHC (acelerador

de partículas ou *Large Hadron Collider* na sigla em inglês). Foi tão importante quanto uma conferência no exterior”.

Palestrante do segundo dia da Lishep, o professor Claude Cohen-Tannoudji falou sobre manipulação de átomos com luz. O pesquisador argelino, que veio

pela primeira vez ao Brasil em 1979 a convite do professor Alberto Santoro, conta que naquela época começaram os estudos em colaboração com o Brasil: “Fiquei impressionado com o crescimento das pesquisas realizadas, as colaborações e as conquistas brasileiras desde então”. Cohen-Tannoudji recebeu o Prêmio Nobel em 1997, junto com os cientistas Steven Chu e William D. Phillips, pela técnica de resfriamento de átomos por laser, o que permitiu o estudo de átomos em baixas temperaturas. Atualmente Claude Cohen-Tannoudji leciona no Collège de France (Paris). “Procuramos sempre trazer Prêmios Nobel, como Leon Lederman, Georges Charpak e Carlo Rubbia. Claude é irmão do meu orientador de doutorado, Gilles Cohen-Tannoudji. Éramos amigos antes de ele ser premiado. Além de um grande físico, é uma pessoa maravilhosa”, diz o professor Santoro.

Atualmente o professor Santoro participa no Brasil de um estudo com pesquisadores portugueses sobre o uso da tomografia por emissão de pósitrons (PET – *Positron Emission Tomography*, na sigla em inglês) para detectar câncer de mama. O material do workshop pode ser acessado em <www.lishep.uerj.br>.

Pesquisadores da UERJ retornam à Antártica para estudos de paleoclimatologia

Pesquisadores da UERJ estudam o Continente Antártico desde as décadas de 1980 e 1990 – a última expedição foi realizada entre os dias 3 e 29 de março deste ano para analisar a variabilidade climática e seus eventos extremos no setor norte da Península Antártica. O projeto é coordenado pelo professor Heitor Evangelista, do Laboratório de Radiocologia e Mudanças Globais, ligado ao Departamento de Biofísica e Biometria do Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes (IBRAG), e conta com o apoio da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

A expedição mais recente fez parte da Operação Antártica XXXI, coordenada pelo Programa Antártico Brasileiro (PROANTAR) e liderada pelo professor Antônio de Freitas, do Laboratório de Radiocologia e Mudanças Globais, teve a participação do professor Marcus V. Licínio, da Universidade Federal do Espírito Santo, da aluna de graduação do IBRAG/UERJ, Anne Caroline Lima, e dos alpinistas Wagner de Oliveira e Silvio Martins, ambos do Clube Alpino Paulista. As expedições no Continente Antártico só recebem autorização se nas equipes científicas estiverem presentes alpinistas que possam dar orientação e fazer a segurança do grupo nas diversas atividades

– como as caminhadas nas geleiras, que podem ser extremamente perigosas.

A pesquisa de campo realizada em março vai analisar as amostras coletadas em lagos glaciais, também chamados de lagos de degelo, encontrados na Península Fildes, entre a geleira Collins e o estreito que separa a Ilha Rei George da Ilha Nelson. Os lagos de degelo são constituídos a partir do descongelamento, no verão, das camadas de gelo existentes na cobertura das formações rochosas do continente. Segundo o professor Alexandre Santos de Alencar, que fez a sétima expedição ao Continente Antártico, “toda a informação que está nos lagos são os dados atmosféricos que precipitaram e caíram na neve e depois acumularam nos lagos”. Segundo ele, “os lagos concentram registros pontuais com informações paleoclimáticas que vêm sendo depositadas naquele local ao longo do tempo. Estes elementos primeiro vão para a lâmina d’água e depois para os sedimentos”.

As informações que os pesquisadores da UERJ foram buscar permitem entender melhor as variações do ambiente periglacial em uma escala centenal (*Centennial-Scale*, relacionada a centenas de anos) e também identificar o registro da ocupação humana local em escala decadal (*Decadal-Scale*, relacionada a dezenas de anos). Dependendo da profundidade da coleta, podem ser analisados dados de 100 a 200 anos atrás. Completa o estudo a datação de afloramentos rochosos encontrados na

região, através da análise de radionuclídeos cosmogênicos (elementos formados a partir da colisão de partículas com alta energia de origem cósmica com elementos presentes na nossa atmosfera).

O processo de coleta dos testemunhos de sedimentos, como são chamadas as amostras retiradas do fundo dos lagos, consiste primeiramente na datação que pode ser alcançada de diferentes formas. Dentre elas, o professor Alexandre destaca “a utilização de isótopos estáveis (ele-

mentos presentes nos testemunhos), o uso de biomarcadores (como pólen) e relógios temporais utilizando césio, que apontam eventos que lançaram esse elemento químico na atmosfera em períodos determinados e conhecidos da história”. Os pesquisadores utilizam mais de uma técnica para datar um mesmo testemunho.



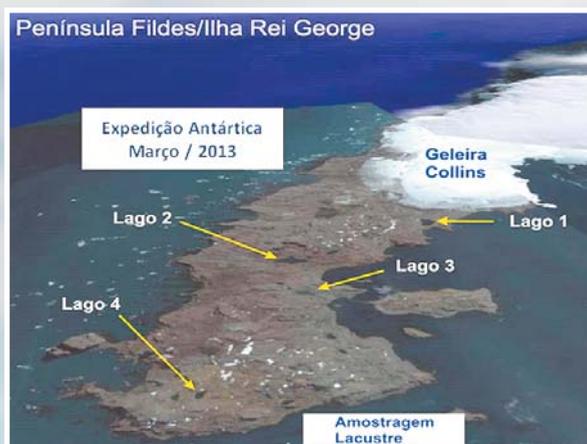


Foto: Wagner Diniz / CAP

A partir do processo de datação dos testemunhos inicia-se a análise dos processos climáticos e atmosféricos da região. O professor Alencar destaca que “o que chega à atmosfera antártica é o que vem dos continentes ao redor, mas principalmente da América Latina, como ficou provado em um estudo. Quando acontece uma queimada no centro do Brasil, por exemplo, esse material é lançado para a alta atmosfera e o transporte atmosférico o leva para a Antártica. Assim tudo que acontece do ponto de vista natural ou antrópico chega à Antártica e lá fica registrado”. Esse transporte não tem uma velocidade constante, variando assim o tempo de chegada e a quantidade do material ao continente gelado. Esta dinâmica do transporte atmosférico pode ser resgatada por dados pontuais de estações meteorológicas ou pela modelagem atmosférica que, segundo o professor, “dá a possibilidade de ler o registro e conhecer como foi o transporte, entendendo como alteramos o clima antártico por conta das nossas atividades aqui na América do Sul”.

A metodologia para a coleta dos testemunhos nesta expedição consistiu na utilização de um sistema *vibra core* com uso de tubos de alumínio e acrílico de 7 cm de diâmetro que foram inseridos no sedimento dos lagos até atingir o substrato rochoso. O Professor Alexandre completa dizendo que “a metodologia utilizada não resulta em impactos significativos quanto à movimentação de sedimentos no fundo do lago, e desta forma não afeta

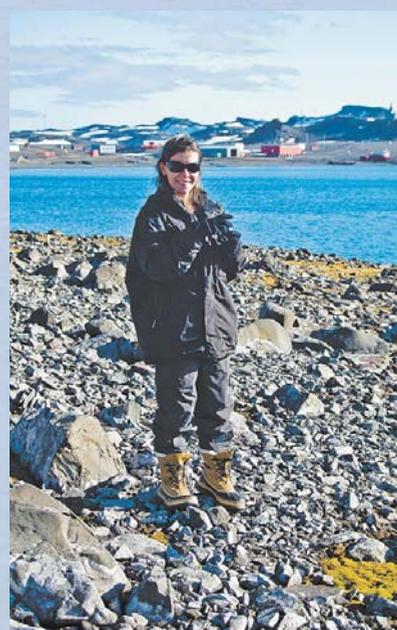
a qualidade da água no lago estudado.”

De um modo geral, a proposta de reconstrução paleoambiental do local pretende conjugar ferramentas geoquímicas e análises microscópicas. A análise geoquímica em registros paleoclimáticos tem sido utilizada para identificar processos diretamente relacionados com a dinâmica climática regional, atuando como ferramenta para a calibração de modelos numéricos do clima. Os pesquisadores pretendiam coletar amostras em quatro lagos que representam diferentes fases do recuo da geleira Collins ao longo do Holoceno, mas a equipe de pesquisa foi além dessas áreas e realizou coletas também em outros lagos. As informações extraídas são de extrema importância para a análise das alterações climato-ambientais na região do Continente Antártico que podem influenciar diretamente as condições climáticas em toda América do Sul e, conseqüentemente, no Brasil.

Nesta expedição antártica os pesquisadores viajaram de avião do Rio de Janeiro à cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, para receber as vestimentas especiais e encontrar os integrantes de outros projetos. De lá seguiram para Punta Arenas, no Chile, de onde partiram para a Ilha Rei George, na Península Antártica. Em virtude do incêndio que destruiu parte das instalações da Estação Antártica Comandante Ferraz na Ilha, a equipe está utilizando a infraestrutura da estação chilena Professor Julio Escudero, localizada na Península Fildes.

“Caloura” Antártica

Anne Caroline, estudante do 7º período do curso de graduação em Biologia, realizou sua primeira expedição ao Continente Antártico acompanhada por pesquisadores com experiência em trabalhos polares. Ela diz que essa primeira expedição à região está sendo uma experiência científica inesquecível: “Para mim é um privilégio participar pela primeira vez de uma expedição à Antártica. Conhecer a área de estudo do projeto que participo está sendo muito enriquecedor para minha formação acadêmica. Aqui na Antártica, todo tempo é um bom tempo para se trabalhar, mas devido às adversidades do clima temos que estar sempre atentos com a nossa segurança no desenvolvimento do trabalho”.



Comunidades pacificadas recebem projetos de acordo entre a UERJ e o estado

Universidade e Superintendência de Território e Cidadania, da Secretaria de Estado do Ambiente, trabalham com cidadania e alternativas de empregos em áreas de UPPs

A palavra de ordem é sustentabilidade. A partir dessa ideia foi criada em janeiro de 2011 a Superintendência de Território e Cidadania (STC), da Secretaria de Estado do Ambiente (SEA). A principal atividade da Superintendência é trabalhar para a construção e o fortalecimento de políticas públicas socioambientais com ênfase na geração de emprego e renda em territórios com Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). Aliando sustentabilidade e consciência ambiental a ações sociais, a STC promove projetos de capacitação profissional, geração de renda e, assim, de inclusão produtiva, tendo como foco as questões socioambientais. Neste contexto, e mantendo a tradição de parcerias entre a UERJ e a Secretaria de Estado do Ambiente, a STC procurou a Sub-Reitoria de Extensão e Cultura (SR-3) para que, juntas, trabalhassem em projetos como o EcoModa, o EcoBuffet, e a Fábrica.

“A UERJ assumiu num primeiro momento a gerência financeira dos projetos. Por descentralização orçamentária, os recursos ficam sob responsabilidade da Universidade”, diz a Sub-Reitora Regina Henriques. Ela acrescenta que “a UERJ gostaria de atuar academicamente em cada um dos projetos da Secretaria porque estão relacionados com a política de conscientização ambiental e desenvolvimento sustentável que a Universidade desenvolve e também porque os projetos representam uma ótima forma de os estudantes participarem de uma atividade que ajuda tanto na formação como na percepção de que podemos nos comprometer de alguma forma com o ambiente”.

O Projeto EcoModa, inaugurado em outubro de 2012, já formou 300 alunos. Além de capacitar os estudantes nas áreas de costura, modelagem, serigrafia, acessórios, bordado, desenho e ilustração de moda e estamparia, o projeto trabalha com o reaproveitamento e a reutilização de materiais com o menor impacto ambiental possível. O projeto contribui para a autonomia econômica e social de moradores da comunidade da Mangueira incentivando, por exemplo, a prática do empreendedorismo. A segunda turma do projeto se formou no dia 16 de abril em uma solenidade que teve a presença do secretário estadual do



A turma do EcoBuffet com o Secretário Estadual do Ambiente Carlos Minc, a Superintendente de Território e Cidadania Ingrid Gerolimich e a Coordenadora do Projeto Mariana Carvalho

Ambiente, Carlos Minc, da superintendente de Território e Cidadania, Ingrid Gerolimich, da representante da Sub-Reitoria de Extensão e Cultura (SR-3) da UERJ, Lina Migueis Berardinell, e do comandante da UPP Mangueira | Tuiuti, Capitão Leonardo Nogueira.

Ingrid Gerolimich acredita que “o projeto EcoModa dialoga com a sociedade e com a moda que existe hoje no Brasil e no mundo, uma moda precisa falar sobre sustentabilidade e sobre a sua responsabilidade em relação ao meio ambiente. Por isso estamos pressionando a sociedade para que, da mesma forma como quem produz deve ter responsabilidade sobre aquilo que produz, quem consome também é responsável.” A coleção apresentada na Mangueira se inspirou na vida e história da cantora maranhense Alcione, um dos ícones da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, e foi confeccionada a partir de retalhos e coletes doados por agentes da Operação Lei Seca, do Governo do estado. As peças foram criadas pelos alunos a partir de roupas e tecidos doados e reciclados. Para a elaboração do tema da coleção, alunos e professores pesquisaram o universo musical de Alcione e os da arquitetura e literatura do Maranhão. As aulas da terceira turma dos cursos de Desenho de Moda, Estamparia e Serigrafia, Modelagem, Corte e Costura, Bordado e Acessórios começam no dia 24 de abril. O projeto concede para os alunos uma bolsa auxílio no valor de R\$ 120,00.

O EcoBuffet, um dos primeiros projetos que a Superintendência sugeriu à UERJ, teve início em março de 2013. A coordenação tem apoio da Faculdade de Nutrição, responsável por todos os módulos técnicos dos cursos. Os demais módulos – como o de empreendedorismo, é de responsabilidade do SEBRAE – enquanto que o de educação ambiental é oferecido pela SEA. A Professora Inês Rugani Ribeiro de Castro, diretora do Instituto de Nutrição, enfatiza a importância do projeto para as comunidades e aponta para a diversidade dos alunos: “Temos um público bastante eclético, majoritariamente feminino, mas também com a presença masculina, numa faixa etária que vai de 15 a 79 anos”. Sobre os profissionais da sua área, ela diz que a Nutrição fez

uma seleção de professores “que atuam no dia-a-dia com os alunos – alguns dos quais já foram professores do Instituto. Também temos alunos da pós-graduação entre os professores, além de mim e da Professora Flávia Fioruci Bezerra, vice-diretora do Instituto. Estamos à frente do projeto por acreditar que seja estratégico e institucional.”

Entre aqueles que trabalham no conteúdo pedagógico do projeto EcoBuffet estão professoras da Nutrição que também estão ligadas ao projeto do Restaurante Universitário da UERJ, caso das professoras Patrícia Perez e Daisy Wolkoff. O RU tem um cardápio diversificado e balanceado que segue as diretrizes da *Estratégia Global para Promoção da Alimentação Saudável, Atividade Física e Saúde*, da Organização Mundial de Saúde, e do *Guia Alimentar para a População Brasileira: promovendo a alimentação saudável*, dos Ministérios da Educação e da Saúde. Entre as preocupações no planejamento das refeições estão, por exemplo, como oferecer menos massa, fritura e especiarias naturais no lugar de produtos industrializados. Localizado na Rua Oscar Pimentel, nº 80, na Tijuca, o EcoBuffet atende as comunidades da Chacrinha, do Salgueiro e do Turano. No contexto do desperdício de alimentos (cerca de um terço dos alimentos produzidos para consumo humano no mundo, todos os anos são desperdiçadas várias toneladas segundo dados de 2011 da FAO – Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação), o projeto EcoBuffet atua na inclusão social e econômica dos moradores por meio de aulas sobre o aproveitamento integral de alimentos e também na orientação e suporte para a criação de uma cooperativa que ofereça serviços de buffet sustentável com um cardápio produzido a partir de alimentos

reaproveitados. Segundo a professora Inês, “a atividade básica do projeto é a de transformar e mobilizar as pessoas para a questão da comida sustentável”. Na inauguração, representantes da Caixa Econômica Federal anunciaram que vão apoiar com financiamento os alunos que queiram montar o seu próprio negócio.

A *Fábrica Verde*, instalada no Complexo do Alemão e na Rocinha, tem como meta transformar lixo eletrônico em inclusão digital reaproveitando computadores usados, gerando mão-de-obra capacitada para atuar na manutenção e montagem de computadores. A cada três máquinas doadas por moradores e empresas públicas e privadas, os alunos produzem um computador em condição de uso, que geralmente é doado para Telecentros Comunitários. A primeira *Fábrica Verde* foi inaugurada em outubro de 2011 no Complexo do Alemão, na Zona Norte do Rio, e a segunda, em maio de 2012, na Rocinha, na Zona Sul. Sobre o projeto da *Fábrica Verde*, a professora Regina Henriques destaca a participação de outras universidades e do compromisso das indústrias produtoras destes materiais: “A PUC-Rio fez uma adesão imediata ao projeto, doaram uma grande quantidade de equipamentos e montaram um ponto de coleta de doações no *campus*”. O reaproveitamento de computadores, ao mesmo tempo em que estimula a inclusão social de jovens e adultos em situação de vulnerabilidade social, gera uma nova forma de renda e permite a reutilização dos equipamentos pela própria comunidade, que assim contribui para a redução de resíduos eletroeletrônicos – os chamados “e-lixo”. Para as pessoas interessadas em doar equipamentos, a *Fábrica Verde* possui pontos de coleta em diferentes locais na cidade.

Parceria em curso de qualificação para professores de unidades prisionais

UERJ e Secretaria de Estado de Educação se unem na ação



O Instituto Multidisciplinar de Formação Humana com Tecnologias da UERJ (IFHT) se aliou à Diretoria Especial de Unidades Escolares Prisionais e Socioeducativas (DIESP), órgão da Secretaria de Estado de Educação, no desenvolvimento do 1º Curso de Extensão para Gestores de Unidades Escolares Prisionais e Socioeducativas. Com apoio da FAPERJ e do MEC, o curso tem o objetivo de potencializar a atuação de professores e diretores que integram essas unidades.

A parceria foi firmada em aula inaugural realizada no dia 4 de abril, na qual estiveram presentes o Subsecretário de Gestão de Pessoas da SEEDUC, Luiz Carlos Becker, a Diretora do IFHT, professora Eloísa Oliveira, e integrantes do projeto que administram e lecionam no curso de extensão. A cerimônia de abertura foi realizada na Escola de Aperfeiçoamento dos Servidores da Secretaria de Estado de Educação, no Andaraí, local onde os docentes terão aulas presenciais.

A UERJ é a instituição responsável, através do IFHT (instituto fundado em abril de 2012), pela gestão da mediação tecnológica no âmbito do ensino à distância, desenvolvido em um ambiente virtual de aprendizagem. A Universidade também produz o material didático necessário em produção conjunta com a Diretoria de Unidades Escolares Prisionais e Socioeducativas. O projeto abrange 15 unidades escolares prisionais, dois anexos e outras cinco unidades socioeducativas (para adolescentes que têm problemas legais). A proposta chega, assim, a 22 setores educacionais estaduais que atuam em espaços de privação de liberdade.

O trabalho revela a importância do sistema de educação no processo de reintegração social de detentos. Para a professora Eloísa Oliveira, o acesso ao

conhecimento escolar em estabelecimentos prisionais é fundamental, pois aponta para uma renovação da mentalidade e da conduta por parte dos internos: “Estar privado da liberdade não significa estar privado do direito de acesso ao conhecimento. Esse direito permite ascender a outras possibilidades de vida.” Em consonância com este pensamento, o diretor da DIESP, professor Robson Lage, argumenta que “presídio com escola é a possibilidade de se transformar”, mas chama a atenção para a necessidade de atuação e gestão diferenciadas nas aulas das unidades prisionais. E é neste ponto que o curso de extensão vai trabalhar: como lecionar em um ambiente de presídio? Qual o melhor modelo de ensino a ser adotado com os detentos?

Ao refletir sobre essas e outras questões similares, o curso – que atende o estado do Rio de Janeiro – vai auxiliar no desempenho dos educadores, tanto no que se refere às aulas, como também em relação à gestão das unidades: “Um projeto como esse abre caminho para o professor que amanhã quer se tornar um gestor escolar”, acredita o subsecretário Luiz Becker.

Inicialmente, as aulas são divididas em três módulos, com carga horária de 30 horas cada. Como forma de compreender toda a demanda necessária para pensar a atuação nas unidades escolares prisionais, os educadores terão contato com conceitos e ferramentas de gestão, métodos avaliativos e a legislação específica da Secretaria de Administração Penitenciária (SEAP) entre outros conteúdos. Esse é apenas o estágio inicial do projeto. Segundo a professora Eloísa, o que se pretende é uma preparação continuada, com os docentes frequentando outras etapas de ensino em semestres posteriores.

LOCAL	ENDEREÇO
Fábrica Verde – Complexo do Alemão	Avenida Itaóca, 1961 – Bonsucesso.
Fábrica Verde - Rocinha	Estrada da Gávea, 468, Bloco 20 (Rua da Casa da Paz).
PUC	Edifício Cardeal Leme, próximo ao Banco Itaú (Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea).
Escola Nova	Rua Major Rubens Vaz, 392, Gávea.
Condomínio Solar da Barra	Rua Vilena de Moraes, 240, Barra da Tijuca.
Escola Edem	Rua Gago Coutinho, 14, Laranjeiras.
Instituto Geração da Hora	Rua da Chita, 180, Bangu.
FEIC	Estrada do Pau Ferro, 1344, Freguesia.
DATAPREV	Rua Professor Álvaro Rodrigues, 460, Botafogo.

Primeiro semestre no *campus*



Abertura do Ano Tomie Ohtake na Universidade



Ministro do Ensino Superior de Angola visita a Universidade



UERJ assina acordo de cooperação com Rioprevidência



Universidade recebe o XXXIII Fórum de Pró-Reitores de Extensão



Zico participa da abertura da IX Mostra de Estágios



Médicos do Provab são recebidos em cerimônia na UERJ



Universidade dá boas-vindas a calouros

Vencedores da olimpíada de Física são premiados na UERJ

“Quando soube que ganhei a medalha achei que era mentira”: assim Josiane Louvem, de 17 anos, reagiu ao receber a notícia de que havia sido contemplada com a medalha de ouro na Olimpíada Brasileira de Física. A estudante do Colégio Estadual Guadalajara, em Duque de Caxias, foi uma entre os jovens do Rio de Janeiro que receberam suas medalhas na 13ª edição da competição, cuja coordenação estadual é feita por professores do Instituto de Física da UERJ. A cerimônia foi realizada na Capela Ecumênica da Universidade no dia 14 de março.

A Olimpíada possui duas categorias: uma geral (OBF) e outra exclusiva para escolas públicas (OBFEP) federais, estaduais e municipais. As premiações também ocorrem em dois níveis: nacional e estadual. Na OBFEP foram concedidas 20 medalhas de ouro; 20 de prata e dez de bronze. No nível estadual foram 29 de ouro, 16 de prata, dez de bronze e oito menções honrosas. Foram premiadas ainda três secretarias municipais de educação pelo número de medalhas conquistadas: de Santo Antônio de Pádua, de Seropédica e de Cabo Frio. Na OBF foram distribuídas aos participantes do Rio de Janeiro 12 medalhas de ouro, 16 de prata, 21 de bronze e 37 de honra. Na premiação estadual foram distribuídas 145 medalhas. “É um prazer ver tantos jovens que venceram esse desafio e demonstraram o seu saber em uma área que para muitos parece difícil. Para nós, que militamos na universidade pública, saber que o ensino de qualidade se faz presente e que estudantes e professores se envolvem com uma atividade extracurricular é uma alegria”, disse a Sub-reitora de Extensão e Cultura, Regina Henriques, durante a cerimônia de entrega das medalhas. Estiveram presentes também a diretora do Departamento de Extensão, Nadia Pimenta; a diretora do Instituto de Física, Lucia de Assis; o vice-diretor, José Roberto Mahon, e os coordenadores da OBF e da OBFEP no Rio de Janeiro, respectivamente, os professores Ricardo Pacheco e José Ricardo Arruda. Na UERJ, a Olimpíada está ligada à SR3 como projeto de extensão.

O professor Ricardo Pacheco disse que há mais de uma década a Olimpíada tem dado oportunidade a estudantes de instituições públicas e privadas brasileiras “para manifestarem sua criatividade e inteligência”. Foram mais de 600 mil inscritos, sendo que aproximadamente 181 mil candidatos realizaram

as três provas. Desses, cerca de sete mil são do Rio de Janeiro. “Pela motivação inicial e intensa participação de jovens de todo o país, esse prêmio já se transformou em um dos mais importantes do Brasil. São milhares de jovens que passam a dedicar parte de suas vidas ao estudo da Física”.

Para o professor José Ricardo Arruda, “a realização da OBFEP tem como objetivo contribuir para que o ensino da Física nos níveis médio e fundamental fomente uma cultura científica, que permita o conhecimento ao indivíduo, a interpretação dos fatos, fenômenos e formação de habilidades cognitivas que assumem papel importante na sociedade contemporânea”. Ele se surpreendeu com os números da primeira edição da OBFEP nesse primeiro ano em que houve uma categoria separada para escolas públicas: mais de 1,2 milhão de inscritos, dos quais 56.842 de 185 escolas no Rio de Janeiro.

Késia Carolino Martino, 18 anos, outra aluna do 1º ano do Colégio Estadual Guadalajara, foi outra contemplada com medalha de ouro. “Não esperava ganhar”, disse ela, “porque algumas questões da prova estavam difíceis. Fico feliz por ver a minha mãe orgulhosa com a conquista”. A estudante tem planos de seguir carreira na Marinha Mercante. Mário Pont Kern, 14 anos, participou da Olimpíada quando era aluno do 9º ano do Colégio Pinto e Andrade, em Nilópolis, e ganhou medalha de bronze: “Fiquei feliz por ter participado pela primeira vez e ter conseguido a medalha. Outros alunos do colégio tentaram várias vezes e não ganharam”, diz o estudante, atualmente no Cefet.

A UERJ está à frente da coordenação estadual desde a criação da Olimpíada em 1999. As regras são diferenciadas para a OBF e a OBFEP. Na OBF, são 20 questões objetivas na primeira fase (aplicadas pelas próprias escolas), quatro questões objetivas e quatro discursivas na segunda etapa e na terceira fase, realizada em laboratórios da UERJ, acontecem a prova prática e o exame escrito. Na OBFEP há duas provas: a primeira é aplicada pelas escolas e os 5% melhores de cada série por instituição participam da segunda fase, que compreende prova escrita e experimental. As inscrições para a edição 2013 já estão abertas: os interessados devem se informar em suas instituições de ensino. É necessário que a escola tenha pelo menos um professor credenciado. A primeira fase está marcada para o dia 18 de maio.

COMUNICAÇÃO, ARTE E CULTURA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

João Maia e Carla Helal (org.)

Fruto do trabalho desenvolvido pelo grupo de pesquisa CAC – Comunicação, Arte e Cidade, da Faculdade de Comunicação Social da UERJ, o livro é uma coletânea de artigos de pesquisadores que se dedicam a estudos nesses três campos. Nele o leitor encontra uma seleção de olhares sobre o espaço urbano, produtores de narrativas da cidade e que irão construir outros sentidos para as paisagens em que circulamos, com as quais interagimos e a partir das quais também vemos o mundo e tecemos nossas vidas como narrativas.



LEITURA, PESQUISA E ENSINO

Márcia Cabral da Silva

Reúne artigos em torno de sujeitos, práticas e objetos cuja abordagem procura tornar visíveis elementos relativos à história da leitura no contexto brasileiro. Destaca-se a convivência entre a tradição oral e a escrita em algumas práticas observadas, assim como a importância dos manuais escolares na formação de gerações de leitores.



DEVIR PUTA

José Miguel Nieto Olivares

A obra renova o campo de estudos sobre prostituição no Brasil ao tratá-la como lugar de sociedades e de operação de relações de poder. Ao seguir a trajetória de quatro lideranças da prostituição exercidas por mulheres no centro de Porto Alegre, o autor nos leva a um diálogo com a produção antropológica e literária sobre o tema.



CULTURA, MEMÓRIA E PODER

Geraldo Ramos Pontes Jr., Myrian Sepúlveda dos Santos, Rogério Ferreira de Souza e Victor Hugo Adler Pereira

Trabalhos de pesquisadores de diferentes campos disciplinares partilham a tarefa de compreender as diversas formas pelas quais memória e cultura se entrelaçam com dinâmicas de poder.



TRÂNSITOS: BRASILEIRAS NOS MERCADOS TRANSNACIONAIS DO SEXO [COLEÇÃO SEXUALIDADE, GÊNERO E SOCIEDADE]

Adriana Piscitelli

O livro é uma contribuição para os estudos de gênero e sexualidade, migrações transnacionais e história do trabalho. A autora faz uma etnografia multissituada de longa duração que relaciona gênero e sexualidade, migrações internacionais, mercado de trabalho e identidade nacional num mundo desigual.



LITERATURA E CULTURA: DO NACIONAL AO TRANSNACIONAL [COLEÇÃO BRASIL-ITÁLIA]

José Luís Jobim

Aborda a questão dos processos de transnacionalização da cultura e da literatura. Busca dar uma visão ao mesmo tempo sintética e abrangente do tema.



CIRANDA DA POESIA

Aníbal Cristóvão por Manoel Ricardo de Lima, Ingeborg Bachmann por Vera Lins e Alberto Pucheu por Mariana Ianelli são as novas edições da coleção *Ciranda da Poesia*, coordenada pelo professor e escritor Italo Moriconi, editor executivo da EdUERJ. A coleção possui ainda conselho formado por Diana Irene Klinger (UFF), Masé Lemos (UERJ), Marcos Siscar (Unicamp) e Viviana Bosi (USP).



Congresso reúne especialistas em MS-Imaging na UERJ

Os aspectos práticos na preparação de amostras e na análise dos dados de imageamento por espectrometria de massa (MS-Imaging), de modo a permitir o estabelecimento da técnica no Rio de Janeiro, estiveram no centro dos debates do Simpósio “Implementação e Perspectivas do MS-Imaging no Rio de Janeiro”, realizado nos dias 6 e 7 de junho na Universidade. Os participantes discutiram como o MS-Imaging é utilizado em diversas áreas das ciências biomédicas, como pesquisa e diagnóstico clínico.

O Simpósio foi organizado pelos professores da UERJ Marcel Lyra da Cunha e Alex Christian Manhães, além de Leticia Miranda Lery Santos (UFRJ) e Donat Alexander Chapeaurouge (Fiocruz). Também participaram do encontro pesquisadores da Embrapa, Fiocruz, Unesp, UFRJ, USP e das universidades Uppsala (Suécia) e Lille (França). O comitê editorial foi composto pelos professores Leila Lopes Bezerra (UERJ), Jonas Enrique Aguilar Perales (Fiocruz) e Paulo Mascarello Bisch (UFRJ). No segundo dia do evento a programação incluiu visitas ao Laboratório de Micologia Celular e Proteômica da UERJ e ao Laboratório de Toxicologia da Fiocruz, instituições equipadas para MS-Imaging. “Nossa intenção foi promover uma troca de experiências com os pesquisadores da Fiocruz e da UFRJ, instituições avançadas no estudo do MS-Imaging. Trouxemos esses profissionais para estabelecer outras colaborações”, informa o professor Marcel Lyra da Cunha, do Laboratório de Micologia Celular e Proteômica do Instituto de Biologia (Ibrag).

A tecnologia de imageamento do espectrômetro de massa pode identificar as proteínas presentes em cada fragmento de tecido – o que



Pesquisadores debateram as aplicações e as novidades do imageamento por espectrometria de massa



Professora Paula Helena Kubitschek Barreira e alunos no Laboratório de Micologia Celular e Proteômica do Ibrag

permite, ao final do processo, obter uma imagem que localiza onde está cada proteína do tecido. “Se pensarmos em termos de aplicação, podemos ver em que parte da célula há proteínas diferentes do tecido saudável e a consequência da infecção para o tecido, por exemplo. A vantagem do equipamento é que ele identifica coisas que não sabemos que estão ali e também a quantidade. Pode identificar ainda – com precisão de um micrômetro (uma célula tem em média 10 micrômetros) – onde determinada droga está atuando no tecido”, explica um dos organizadores do

evento, professor Marcel Lyra da Cunha. Ele acrescenta que apesar de o aparelho ter sido adquirido há cerca de três anos pela UERJ a técnica de imageamento começou a ser aplicada no Rio de Janeiro há pouco tempo, o que pode ser explicado pela dificuldade para o preparo da amostra e análise de dados. “Acredito que em alguns anos teremos um aparelho que enxergue o nanômetro, o que irá permitir que vejamos as proteínas na resolução da microscopia eletrônica. Para aprender não basta estudar o manual e a técnica sozinhos. É preciso discutir com outros cientistas

que testaram várias amostras biológicas diferentes para saber os problemas encontrados, as soluções, a concentração de reagentes utilizada, as limitações das máquinas, como é extraído o conhecimento da imagem etc.”, detalha o professor.

Em março deste ano, projeto coordenado pela professora Leila Maria Lopes Bezerra, da Rede Proteômica da UERJ, foi contemplado no programa Apoio à Aquisição de Equipamentos de Grande Porte da FAPERJ para a aquisição de um espectrômetro de massa que irá auxiliar vários projetos de pesquisa.

Publicação na *CELL*

Em janeiro de 2013, o professor Marcel Cunha publicou junto com investigadores franceses um artigo na *CELL*, revista científica internacional de renome. A pesquisa trata de uma nova fonte de energia do neurônio da qual o professor participou durante o seu pós-doutorado no Instituto Curie, na França, em 2009.

O trabalho científico estuda a Doença de Huntington, que causa neurodegeneração, uma falha no cérebro. O professor relata que no período de estudos foi descoberto um dado muito interessante: “As vesículas (estruturas celulares) que contêm a proteína huntingtina, à qual a mutação está relacionada na Doença de Huntington, se moviam independente da energia da mitocôndria. Na célula, conseguimos energia para fazer movimentos pelo ATP. Essa energia é adquirida pela mitocôndria”. A pesquisa publicada na revista *CELL* mostrou que o ATP utilizado para o transporte de vesículas no axônio (parte do neurônio responsável pela condução dos impulsos elétricos) é sintetizado na própria vesícula, na superfície de sua membrana pela enzima da via glicolítica, GAPDH (Gliceraldeído 3-fosfato desidrogenase).

“Nós ajudamos na pesquisa quando ‘solucionamos a charada’ – onde está a enzima GAPDH na vesícula que se movimenta dentro da célula. Tivemos que aperfeiçoar a técnica para descobrir o local da molécula. Os métodos clássicos são químicos para ter a preservação e contraste, o que danifica a amostra. Partimos então para um método mais moderno, com congelamento da molécula, e a análise deve ser rápida. É uma técnica difícil, mas permite que durante o tempo de análise a amostra esteja limpa”, conclui o professor Marcel.

CAp-UERJ adota cotas a partir de 2014

Publicada no dia 15 de abril, a Lei 6.434 instituiu o sistema de cotas no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ). Ela estabelece que serão reservadas 40% das vagas para estudantes carentes que cursaram integralmente o ensino fundamental na rede pública de ensino – todas as séries do 1º e 2º ciclos do ensino fundamental em escolas públicas nacionais e prioritariamente os oriundos da rede pública das regiões do Estado do Rio de Janeiro –, negros, pardos, índios e deficientes físicos.

Para ter direito a concorrer pelo regime de cotas, a renda familiar mensal *per capita* deverá corresponder no máximo a um salário mínimo estadual e meio. As vagas passarão a ser distribuídas desta forma: 20% para estudantes carentes que cursaram integralmente o ensino fundamental na rede pública; 20% para estudantes negros, pardos e índios, 5% para deficientes físicos e 25% para filhos de servidores da UERJ, sendo 12,5% para filhos de professores e 12,5% para filhos de funcionários. As 30% de vagas restantes serão de ampla concorrência.

O ingresso no Instituto, que atualmente possui cerca de 1.100 alunos, é realizado no 1º e no 6º ano do ensino fundamental. Para o 1º ano do ensino fundamental, a entrada é feita por meio de sorteio, enquanto que para o 6º ano é aplicada uma prova. As cotas deverão ser implementadas tanto no sorteio quanto no 6º ano do ensino fundamental. Na última seleção foram destinadas 60 vagas (30 para a comunidade externa e 30 para a interna) para o 1º ano e 60 (30 para a comunidade externa e 30 para a interna) para o 6º. O Departamento de Seleção Acadêmica (DSEA) é o responsável pelo cogerenciamento da seleção.

Diretor do CAp, Lincoln Tavares Silva conta que a instituição começou a criar um grupo de trabalho para discutir a adoção das cotas com professores

e técnico-administrativos para que a comunidade comece a se familiarizar. “Alguns discursos se formaram no sentido de dizer que o CAp e seu diretor são contra a política de cotas. Em 2000, quando a UERJ adotou o sistema de cotas, fui relator no Csepe – Conselho Superior de Ensino de Ensino, Pesquisa e Extensão. É um desconhecimento da história. Podemos abraçar uma causa, mas de forma crítica. Quando pensamos na educação, as soluções não podem ser no atacado, mas pensadas no contexto. Dessa forma, não acredito que as cotas no CAp vão prejudicar a educação, mas há um processo educacional em curso que é muito maior que a adoção da política de cotas e que talvez, se não atacarmos esse processo, teremos que viver fazendo cotas, o que é para mim paradoxal porque a educação básica é universal”, analisa. Antes da publicação da lei o Instituto foi consultado pela Comissão de Educação da Alerj, que propôs um debate mais amplo. Foi realizada ainda uma audiência pública e o CAp contribuiu com sugestões de emendas.

O professor destaca que, apesar de a Lei 6.434 determinar uma redução no quantitativo de vagas destinadas a filhos de servidores da Universidade, “pela primeira vez houve um reconhecimento legal da cota interna”. “Nas escolas privadas há bolsa integral para filhos de professores daquela instituição e ninguém diz que é ilegal. Pelo contrário”, acrescenta.

Serão necessárias algumas adaptações infraestruturais para receber os deficientes. De acordo com o professor, já foi encaminhado à Universidade um projeto para executar essas modificações.

Atualmente o CAp concede uma ajuda de custo a estudantes carentes que é repassada pela Uerj via Sistema de Desembolso Descentralizado (Sides).

UnA-SUS/UERJ qualifica profissionais de saúde do estado do Rio

Como projeto do Ministério da Saúde, a Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde (UnA-SUS) é formada por uma rede de instituições acadêmicas, serviços de saúde e de gestão do SUS. Seu objetivo é atender as necessidades de educação permanente no âmbito do Sistema Único de Saúde por meio da capacitação de profissionais da área utilizando tecnologias educacionais, rede de apoio presencial e intercâmbio de informações acadêmicas para certificação educacional compartilhada. Criada em 2008, a rede tinha como propósito inicial qualificar com um curso de especialização médicos, dentistas e enfermeiros da área de Saúde da Família. A meta era dar formação a 52 mil profissionais em quatro anos. Como a UnA-SUS é uma rede colaborativa, “em 2008 seis universidades foram convidadas para o projeto piloto, que hoje reúne 19 instituições – sendo a UERJ a única universidade estadual”, explica a professora Márcia Rendeiro, coordenadora executiva da UnA-SUS/UERJ. O curso de especialização em Saúde da Família está agora na segunda turma, com uma oferta para 1.000 profissionais do estado, realizado em parceria com a Secretaria de Estado de Saúde e com o Conselho de Secretarias Municipais de Saúde.

Atualmente, a UnA-SUS/UERJ desenvolve vários projetos: “Estamos organizando um curso de especialização em Saúde do Idoso; uma oferta do curso de especialização em Saúde da Família para o estado do Espírito Santo e, ainda, um módulo para política educacional da população LGBT. Também estão sendo organizados dois módulos de um curso multicêntrico em Atenção

Domiciliar”, enumera a professora Márcia, destacando que todos os cursos são semipresenciais, com mediação tecnológica. “Também oferecemos o curso de saúde da família para os profissionais do Programa de Valorização do Profissional da Atenção Básica (Provab). Participamos da primeira edição, voltada para médicos, dentistas e enfermeiros, que irão finalizar o curso em setembro de 2013. A segunda edição é só para médicos e teve início em março deste ano”, diz a coordenadora.

Provab

Os 204 novos médicos das unidades básicas de 33 municípios fluminenses que compõem a segunda turma do Programa de Valorização do Profissional da Atenção Básica (Provab) foram recebidos no início de março pelo Ministro da Saúde Alexandre Padilha, em cerimônia realizada na Capela Ecumênica. O Provab promove a qualificação médica por meio de atendimento na área de Atenção Básica, levando médicos para a periferia das grandes cidades, municípios do interior e áreas remotas dos estados.

Os profissionais vão frequentar o curso de especialização Saúde da Família durante 12 meses recebendo uma bolsa do governo federal no valor de R\$ 8 mil mensais. Nos municípios do estado do Rio de Janeiro, os médicos serão supervisionados pela UnASUS/UERJ e vão cursar aulas teóricas sobre metodologia de ensino a distância. Para os profissionais bem avaliados o Provab 2013 mantém a bonificação de 10% nos exames de residência médica, seguindo a resolução nº 03/2011 da Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM).

As universidades integradas à rede desenvolveram cursos em

diversas áreas, incorporando novos projetos à UnA-SUS, além da área de Saúde da Família. Para a coordenadora da UnA-SUS da Universidade Federal do Maranhão, Ana Emília Figueiredo de Oliveira, o sistema também incentiva a pesquisa. A demanda da qualificação profissional é extensa, pois cada universidade tem um número mínimo de mil vagas para ofertar nos cursos. Por isso, cada termo de cooperação concretizado com uma instituição tem como objeto a pesquisa via intercâmbio interinstitucional. “Foi o que fizemos com a UERJ. Nós montamos um termo de cooperação interinstitucional na área de pesquisa, tecnologia, saúde e educação”, explica Ana Emília. Essa cooperação possibilitou, por exemplo, a parceria com o Programa de Pós-graduação em Ciências Médicas (PGCM) da UERJ para qualificar dez profissionais da UnA-SUS/UFMA. “Nós, por meio desses profissionais, vamos intercambiar e programar novas pesquisas”, diz a coordenadora da Universidade Federal do Maranhão.

Para o professor Mário Fritz Neves, coordenador da Pós-graduação em Ciências Médicas, cooperações interinstitucionais desse tipo são importantes para a avaliação do Programa de Pós-graduação feita pela Capes. Os professores da Federal do Maranhão vão passar por um processo de seleção para os cursos de mestrado e doutorado. “A UFMA está empenhada em dar formação aos seus professores porque metade do seu corpo docente ainda não tem titulação em pós-graduação. Todos os professores que estão sendo capacitados estão ligados ao UnA-SUS e são coordenadores de projetos”, esclarece o professor Mário.

Hospital Universitário tem nova Unidade de Terapia Intensiva

Adequada integralmente às recomendações da Anvisa, a nova Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do Hospital Universitário Pedro Ernesto, inaugurada no dia 21 de março, recebeu novos equipamentos, ampliou a oferta de leitos e otimizou a estrutura física para aulas e discussões clínicas. No ano passado, 201 pacientes foram admitidos na unidade, uma média de 16,6 por mês. Com o aumento de leitos (de sete para dez) espera-se aumentar a oferta de vaga em 30%. Além de poder receber mais pacientes, a reforma resultou em melhores condições de ensino para os graduandos, pós-graduandos e residentes das diferentes categorias profissionais que trabalham na UTI: médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, nutricionistas, fonoaudiólogos e psicólogos.

A obra da nova unidade demorou cerca de um ano e meio para ser concluída e abrange mais da metade do espaço da antiga UTI. A reforma integrou o espaço ocupado pela UTI e os locais onde se situavam a unidade coronariana do Hospital e a secretaria do serviço de anesteseologia. Segundo o coordenador da UTI Geral do Hupe, professor Sérgio da Cunha, o tempo de duração da obra foi extenso porque dependeu da criação de novos espaços para a unidade coronariana construída no sexto andar do Hospital, junto à UTI Cardíaca, e para a secretaria da anesteseologia, situada atualmente no quarto andar. “O Hospital também teve que criar outra unidade para a UTI funcionar durante a reforma. Dessa forma, mesmo em obras, o Hospital Universitário não perdeu nenhum leito de UTI”. O espaço onde funcionou a UTI no 4º andar do Hospital integra atualmente uma unidade pós-operatória intensiva.

Os leitos respeitam a área mínima indicada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), com paredes laterais dos boxes em alvenaria, o que permite o isolamento do paciente em relação ao box vizinho e permite iluminação individualizada de cada leito o que, de acordo com o coordenador da UTI, evita que um paciente acorde quando é preciso acender a luz do leito ao lado. Na obra também foi construído um quarto de isolamento que permite



assistência a pacientes graves (tuberculose pulmonar, meningite ou outras doenças que exijam isolamento). “Esta sempre foi uma carência do nosso hospital”, diz o coordenador.

O novo espaço distribui adequadamente a sala de materiais de limpeza, possui refrigeração com sistema de exaustão, isolamento com antessala e pressão negativa e equipamento de vigilância do sistema elétrico. Outro ponto de destaque, segundo o coordenador, é a melhora das acomodações dos alunos, residentes e servidores do Hospital: cada equipe possui quarto de repouso com banheiro, armário roupeiro, computador e televisão. “O ambiente de terapia intensiva é um dos mais estressantes da prática de saúde. É fundamental garantir um bom momento de descanso. Isto contribui para diminuir problemas de saúde e melhorar a satisfação no trabalho e aprendizagem”, destaca o coordenador.

Os recursos para a reforma foram conseguidos por meio de projeto encaminhado à Faperj, mas alguns itens foram adquiridos com verba da

própria Universidade, como o piso da UTI que, segundo o professor Sérgio, é uma manta especial recomendada pela Anvisa e que evita a proliferação de bactérias. O sistema de refrigeração e vários outros itens que estão sendo comprados, como novas camas e monitores, também foram recursos da UERJ: “Uma cama de UTI, por exemplo, tem muitas funções que dão ao paciente segurança e conforto, além de informações importantes para o tratamento: pode pesar o paciente na própria cama. Isso tem alto custo e estamos autorizados a adquirir equipamentos desse nível”, explica.

Para Lenir Fagundes, enfermeira do Hospital Universitário há 22 anos e coordenadora de enfermagem da UTI, a nova unidade além de proporcionar melhor espaço para as aulas e dar conforto ao profissional, também humaniza o tratamento dos pacientes: “Os leitos são bem individualizados e é possível abrir a persiana e ver a luz do dia. Ambientes de UTI são normalmente fechados e isso é ruim tanto para os pacientes como para os profissionais, pois não há percepção se é dia ou noite”. Fernanda Mululo, residente

de suporte nutricional, explica que os pacientes que não estão entubados e sedados ficam acordados e se alimentam normalmente. Para eles, a nova unidade tem um espaço mais agradável e confortável, o que traz inclusive benefícios para a sua alimentação porque, segundo Fernanda, quando o paciente não está bem normalmente não se alimenta: “Existem vários estudos demonstrando que tanto o paciente que não é bem nutrido quanto pacientes obesos têm um pior prognóstico, ficam mais tempo internados, com maior risco de contrair infecção e até de mortalidade. Dentro da UTI, essa proporção é maior porque os pacientes estão em estado grave”, diz a nutricionista.

A nova UTI também melhorou ainda as sessões de fisioterapia dos pacientes: com espaço maior nos leitos o paciente tem mais liberdade para realizar os movimentos, é o que explica Victor Zamora, coordenador da fisioterapia da UTI: “A fisioterapia se faz importante por vários fatores – um dos principais é evitar complicações motoras e respiratórias no paciente. O processo é gradativo, até que o paciente consiga se movimentar e fortalecer a musculatura periférica e respiratória. Artigos científicos têm demonstrado que quanto mais cedo se iniciar os trabalhos de fisioterapia na terapia intensiva, mais rápido e com maior sucesso o paciente sai da ventilação mecânica. Isso diminui a mortalidade, o índice de infecções e o custo para o hospital”, esclarece Victor.

Para que a unidade funcione em sua capacidade plena é necessário mais recursos humanos. No dia da inauguração do novo espaço de atendimento hospitalar, o Reitor autorizou a admissão de médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem e fisioterapeutas: “Estamos procurando dar a essa UTI características de unidade de ponta em termos de qualidade e assistência. Antes não tínhamos espaço adequado para novos equipamentos e agora temos uma estrutura preparada para receber o que há de melhor. Queremos que tudo o que foi investido aqui dê retorno para a população que é atendida no nosso hospital, podendo encontrar os mesmos recursos disponibilizados em qualquer rede privada de boa qualidade”.